

## 4. Próclise e ênclise na oratória barroca

Ana Paula Banza

*Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades, Universidade de Évora*<sup>30</sup>

No final do período clássico da língua (século XVII), são visíveis tendências muito diferentes quanto à posição dos clíticos entre autores como Melo e Vieira (Martins 1994) e, por outro lado, em Vieira, tais tendências são também muito diversas entre os sermões (Martins 1994), por um lado, e as cartas (Britto 1999, Galves 2003, Galves, Britto e Sousa 2001, 2005) e a Representação... (Banza 2017a), por outro, apontando para uma relação do predomínio da ênclise com o género oratório.

Assim, torna-se relevante averiguar se o uso da ênclise, registado nos sermões de Vieira, é comum, ou não, a sermões de outros autores da mesma época, com o objectivo de percebermos se estamos perante uma marca do género oratório no período barroco ou perante uma marca da oratória de Vieira.

Para o efeito, analisamos, seguindo uma abordagem de base quantitativa, textos oratórios de autores da mesma época (Manuel da Silva, Rafael de Jesus, João de Ceita, Filipe da Luz e Francisco de Mendoça).

**Palavras-chave:** diacronia, português clássico, oratória barroca, clíticos.

### 1. Próclise e Ênclise no século XVII

Em trabalho anterior (Banza 2017a), abordámos o uso dos clíticos em Padre António Vieira, com dois objectivos:

- contribuir para o estado do conhecimento sobre um fenómeno de mudança que marca a transição do período clássico para o período moderno do Português;
- investigar de que forma este fenómeno se apresenta num autor que conhecemos bem e que, de uma maneira geral, tanto como Homem quanto como Escritor, é consensualmente considerado «à frente do seu tempo», facto que se coaduna notavelmente com a «modernidade» linguística que lhe atribui Martins (1994).

Em causa estava a substituição da próclise, esmagadoramente maioritária no período clássico, pela ênclise, no Português europeu moderno, nas orações principais

---

<sup>30</sup> Trabalho desenvolvido no âmbito de: UID/HIS/00057/2013 (POCI-01-0145-FEDER-007702), FCT/Portugal, COMPETE, FEDER, Portugal2020.

afirmativas sem proclisadores<sup>31</sup>. Em 1994, Ana Maria Martins demonstrara que Vieira (1608-1697) apresenta claramente, nos Sermões, uma preferência muito acentuada pela ênclise, enquanto padrão básico de colocação dos clíticos nos contextos referidos, em contraste com outros notáveis escritores seus contemporâneos, como D. Francisco Manuel de Melo (1608-1666), e próximo de escritores do período moderno, como Luís António Verney (1713-1792). E daí inferia a autora serem os sermões de Vieira um reflexo da mudança gramatical em causa. No entanto, alguns anos mais tarde, Galves, Britto e Sousa (Britto 1999, Galves, Britto e Sousa 2001, 2005, Galves 2003), com base na análise das *Cartas* de Vieira, trouxeram à colação um novo dado, que conduziria a uma hipótese extremamente interessante: embora os valores de ênclise nos sermões fossem maioritários, nas cartas, a próclise reassumia a preponderância, o que apontava para uma relação directa entre a preferência de Vieira pelo traço «moderno» e o género oratório, revelando-o, na opinião destas autoras, como um caso de uso estilístico de uma construção que seria marcada na gramática de Vieira e que não deveria, por isso, ser encarada como um reflexo de mudança gramatical.

Assim, tendo em conta o estado da questão, procurámos, então, verificar esta relação entre a ênclise e o género oratório pela análise de um outro texto não oratório de Vieira, a *Representação...* perante o Tribunal do Santo Ofício (Banza 2008) e, efectivamente, os dados obtidos confirmaram os das *Cartas*: nomeadamente, a persistência da próclise em textos não oratórios, por oposição ao predomínio da ênclise registado nos textos oratórios.

Por outro lado, avançámos ainda a hipótese, a explorar, de que o predomínio da ênclise nos sermões pudesse estar relacionado com outras especificidades do género oratório além das apontadas por Galves<sup>32</sup>.

Com efeito, sendo os textos oratórios originalmente orais, isto é, textos para serem ditos, pareceu-nos natural colocar a hipótese de que a ênclise pudesse reflectir uma aproximação do orador ao público, no sermão dito, e da escrita à oralidade, no sermão

<sup>31</sup> Como é sabido, o Português do Brasil caracteriza-se pelo predomínio da próclise, o que configura uma das mais relevantes marcas de diversidade entre estas duas variedades do Português.

<sup>32</sup> «In conclusion, we see that in Vieira's sermons enclisis appears consistently when two terms are contrasted. In other terms, the pre-verbal phrases in enclitic constructions can be characterized as contrastive topics. Non contrastive topics appear with proclisis. The high rate of enclisis in Vieira's sermons can be therefore explained by discursive reasons: the sermons are masterpieces of the baroque style, which uses oppositions between terms as a fundamental stylistic resort» (Galves2003:9).

escrito, pelo uso de um traço que poderia ser usual no registo oral, sendo certo que, pelo menos no caso de Vieira, como bem nota Mendes (1989: 403) «o orador insistia num estatuto de falante que o aproximava...de características primitivas da linguagem – numa perspectiva quer social e comunitária quer privada e individual».

Em todo o caso, a associação do traço linguístico ao género leva Galves (2003: 10)<sup>33</sup>, ao contrário de Martins (1994: 269)<sup>34</sup>, a afirmar que Vieira não é diferente dos outros autores da sua época, atribuindo o predomínio da ênclise nos sermões ao facto de, na sua gramática, a ênclise ser uma construção marcada e, portanto, disponível para fins estilísticos. Ora, a ser assim, seria de esperar encontrar o mesmo traço noutros textos oratórios de autores contemporâneos, ainda que não noutros géneros, hipótese que, tanto quanto sabemos, ainda não foi testada.

Assim, no presente texto, procuramos, pela análise de textos exclusivamente oratórios de autores contemporâneos de Vieira, perceber se a relação entre o predomínio da ênclise e a oratória – eventualmente motivada por características específicas do género – pode ser considerada uma marca da oratória barroca, em geral, ou se, pelo contrário, deve ser vista como uma marca da oratória barroca de Vieira.

## 2. Duas gramáticas em competição

Partimos aqui do princípio de que a variação precede a mudança e assumimos a ideia (Kroch 1989, 2001) «de que a variação se dá entre gramáticas concorrentes, podendo, em cada momento, a competência linguística dos falantes comportar mais do que uma gramática» (Banza 2017a). No entanto, Galves (2003)<sup>35</sup> defende que, no caso em apreço, existem duas variações sucessivas. Segundo a autora, antes da mudança, a variação é produzida pela própria gramática e só depois da mudança passa a ser

---

<sup>33</sup> «This analysis gives evidence that Vieira is not different from the other authors of his time. He is enclitic in his Sermons because in his grammar enclisis is a marked construction which can be used for stylistic purposes» (Galves 2003: 10).

<sup>34</sup> «Vieira é, no século XVII, o autor cujos textos manifestam, nas orações não dependentes, o abandono da colocação preferencialmente proclítica, característica do Português do século XVI, e o aparecimento em força da ordem verbo-clítico» (Martins 1994: 269).

<sup>35</sup> «From this point of view, when we look at the history of clitic-placement in Portuguese, we are in front of two successive variations. Before the change, there is a variation produced by the grammar itself (to which I come back in the next section), and after the change there is a variation produced by the competition between a grammar which contains variation and a grammar which doesn't. The difficult question is to detect the moment at which we cease to be in front of the former, and we are looking at the latter» (Galves 2003: 2).

produzida pela competição entre gramáticas, consistindo a dificuldade em perceber quando se passa de um a outro estágio. Nesta perspectiva, ao contrário de Martins (1994), que defende que os sermões de Vieira demonstram que a mudança já se teria dado, continuando, no entanto, a variação depois da mudança, Galves defende que estes não reflectem essa mudança, mas antes variação na gramática de Vieira, onde a ênclise, como construção marcada, assume um valor estilístico que se perderia progressivamente depois da mudança.

Estando em discussão um traço considerado «moderno» por ambas as autoras, parece-nos relevante notar que, no que respeita a Vieira, a sua «modernidade» linguística, no panorama do século XVII, é notória em diferentes tipos de obra e em diferentes níveis gramaticais.

Entre Vieira e Melo (Banza 2017b), por exemplo, é manifesta, no geral, a predominância de traços «modernos», em Vieira – não apenas nos *Sermões*, mas também na *Representação...* e não apenas no caso da preferência pela ênclise, registada nos sermões, mas também noutros aspectos, lexicais e morfo-sintácticos – por oposição à predominância de traços «antigos», em Melo, nas *Cartas familiares*. Senão, vejamos.

No que respeita ao léxico, é eloquente a comparação entre a apreciação que neste domínio faz Francisco José Freire dos dois autores quanto ao uso de arcaísmos: em Vieira, «uma, ou outra palavra, que o uso inteiramente deu por antiquada; injuria, a que estão sujeitos os clássicos mais distintos das línguas vivas» (Freire 1842: 10); já Melo «... affectou mais os arcaísmos, e por isso tem sido censurado por muitos» (Freire 1842: 13).

Também no que respeita a traços de natureza morfo-sintáctica, é notório o pendor mais «moderno» da prosa vieirina, em relação à de Melo<sup>36</sup>, por nós registado noutros textos (Banza 2007, 2017b), nomeadamente em aspectos como:

– o uso de artigo definido antes de possessivo (ex.: ...o meu intento era...) em detrimento do uso antigo, sem artigo (ex: ...apontarei seus nomes...);

---

<sup>36</sup> «...uma predominância de traços morfo-sintácticos modernos — a par de outros conservadores, não apenas nos sermões, mas também em textos de diferente natureza, como a *Representação...* — que, numa abordagem por amostragem efectuada nas *Cartas familiares* e a confirmar por estudo exaustivo, não se encontra em Melo» (Banza 2017b: 97).

– o uso como pronome relativo ou possessivo de *cujo* (ex.: *em sua igreja, cujo arquétipo...*), em detrimento do antigo uso predicativo (ex.: *...aquele rei cujo é e a quem pertence o dito império...*);

– o uso do adjectivo *comum* como uniforme (*comum*, masc. e fem.) em detrimento do uso antigo, como adjectivo biforme (*comum*, masc. / *comũa*, fem.).

Por outro lado, esta «modernidade» não obsta à coexistência destes traços com traços que atestam a «sobrevivência de uma gramática antiga» (Mateus *et al.* 2003: 865), como, por exemplo, a interpolação de *não* (ex.: *...nas quais razões me não detenho...*) que persiste, ainda que em claro declínio, na variedade europeia do português moderno, e com traços como a construção das estruturas condicionais expressando irrealidade com *mais-que-perfeito* + *mais-que-perfeito* (ex.: *...se nas obras de Bandarra houvera falsa doutrina, não é possível que tiveram nem conservaram cópias...*), que não sobreviveria a partir do século XVIII.

Nos casos referidos, ao contrário do que se verifica na variação entre próclise e ênclise, a predominância de traços «modernos» não parece caracterizar um género face a outros, na medida em que estes são comuns a obras tão diferentes como os *Sermões* e a *Representação*....

Assim, é, pelo menos, possível que, também no caso que aqui nos ocupa, a opção pela forma «moderna» possa ser, não apenas uma marca de género, mas também uma marca de autor, contrariando a afirmação de Galves de que «Vieira não é diferente dos outros autores» (Galves 2003: 10) e, por outro lado, a confirmar-se esta hipótese, surge também como provável que, além das características sintácticas do género oratório apontadas por Martins (1994) (focalização/topicalização) e por Galves (2003) (tópicos contrastivos e não contrastivos), intervenham no uso maioritário da ênclise nos sermões de Vieira aspectos de natureza pragmática que, sendo relevantes no género oratório, em geral, possam ser particularmente marcados em Vieira, em cuja prosa oratória, sobretudo, ainda que não exclusivamente, é «constante a exploração e experimentação dos possíveis da Língua» (Mendes 1989: 453) ao serviço de um dizer que é sempre um fazer.

### 3. O corpus

#### 3.1. Os autores

Para o estabelecimento do *corpus* do presente trabalho, efectuámos um levantamento, ainda que não exaustivo, dos oradores que partilharam os púlpitos com Vieira, ao longo do século XVII (Lopes 1993, Marques 2004, Belchior 1961). Sendo o critério mais relevante o cronológico, optámos, por uma questão de acessibilidade, mas também de comparabilidade em relação a Vieira, por autores de grande relevância na sua época, cujos sermões foram publicados, ainda em vida ou pouco depois da sua morte, em colectâneas.

Os autores seleccionados foram os religiosos Manuel da Silva (1628-1709), Rafael de Jesus (1614-1693), João de Ceita (1578-1633), Filipe da Luz (?-1633) e Francisco de Mendoça (1573-1626).

**P. Manoel da Sylva**, filho de Antonio da Sylva Serrão, e Dionyzia de Paiva, naceo na villa de Ega do Bispado de Coimbra. Alistou-se na Companhia de Jesus em o Noviciado de Coimbra a 12 de Dezembro de 1643, quando contava 15 annos de idade, e professou a 2 de Fevereiro de 1665. Foy insigne Humanista dictando na Cadeira da primeira classe de Coimbra letras humanas. Alcançou grande aplauso no pulpito por possuir todos os dotes constitutivos de hum orador Evangelico. [...] Falleceo piamente na Casa Professa de S. Roque a 12 de Dezembro de 1709, quando contava 81 annos de idade, e 66 de Companhia. [...] Publicou: Sylva Concionatoria. Part. I Sermoens Panegyricos. Tom. 1. Lisboa, por Miguel Deslandes Impressor delRey, 1698.4.; Tom. 2. Ibi pelo dito Impressor. 1699.4.; Tom. 3. Ibi pelo dito Impressor. 1700.4.; Tom. 4. Com dous jogos de Manhãs de Domingas da Quaresma, hum de Tardes, e Sermoens de Passos, e Paschoa. Ibi na Officina Deslandesiana. 1703.4.. Machado (1966): III-374

**Fr. Rafael de Jesus**, naceo em a Villa de Guimaraens, recebendo na sua antiga Collegiada a graça bautismal a 2 de Mayo de 1614. Forão seus Progenitores Simão Fernandes, e Catherina Mendes, que o educarãotão virtuosamente, que deixado o seculo buscou o Claustro da augusta Religião do Principe dos Patriarcas S. Bento vestindo a monastica cogulla em o Convento da Victoria da Cidade do Porto a 2 de Mayo de 1629, quando contava 15 annos de idade.[...] como o genio o inclinava para o exercicio do pulpito o continuou pelo espaço de vinte annos na Corte de Lisboa, e em varias Cidades de Hespanha com geral aplauso dos ouvintes, donde procedeo ser nomeado pela Religião Prégador Geral. [...] Não se limitou o seu estudo ás letras sagradas, mas discorrendo pelo vasto campo da Historia sahio nella tão instruído, que mereceo ser Chronista mór do Reyno por Alvará passado a 11 de Novembro de 1681. Falleceo no Convento de S. Bento de Lisboa a 23 de Dezembro de 1693, quando contava 79 annos de idade, e 64 de Religioso. Compoz; Sermoens varios, prégados pelos anos de 1668, 1669, e 1670. Brucellas por Balthezar Vivien 1674.4.; Sermoens varios, prégados na Curia de Braga pelloos anos de 1673, 74 e 75. Lisboa na Officina Craesbeckiana 1688.4.; Sermoens varios, e Tom. 3. prégados na Curia de Braga pelos anos de 1675, 76, e 77. Ibi na dita Officina 1689.4 [...]; Castrioto Lusitano [...]; Monarchia Lusitana. Parte Setima. Contém a Vida delRey D. Afonso IV, por excellencia o Bravo [...]; Monarchia Lusitana. Part. 8. Contém a Vida delRey D. Pedro I. fol. M.S.; Monarchia Lusitana. Parte 9. Contém a VidadelRey D. Fernando. Fol. M.S.; Vida, e

*acçoens doSerenissimo Rey D. João IV. com huma arvore Genealogica da Casa de Bragança. [...]. Idem, ibidem: 632-633.*

**Fr. João de Ceyta** natural de Lisboa, e hum dos famosos alunos da Serafica Provincia dos Algarves onde floreceo igual na Poezia Latina, como profundidade Theologica, e Oratoria Ecclesiastica pela qual mereceo universais aplausos, ou fosse pela multiplicidade de textos com que exornava os seus discursos, ou pela veemente energia com que os representava, e proferia. [...] Falleceo em o Convento de Setubal em o anno de 1633, quando cotava 55 annos de idade. [...] Compoz: *Quadragera de Sermoens em louvor da Virgem Maria, e de Christo Senhor Nosso seu filho conforme os Evangelhos, que a Igreja canta em suas Festas pelo discurso do anno. Lisboa por Pedro Crasbeeck. 1619.fol.; Quadragera segunda [...]; Sermoens das Festas da Virgem Santissima [...]; Sermoens para algumas Festas de Santos da nossa Ordem, Apostolos, Martyres, Santas, e dez do Sacramento. Lisboa por Lourenço Crasbeeck. 1635.4. [...]. Machado (1966): II-634-635.*

**Fr. Filipe da Luz** natural da Cidade de Lisboa, e filho de Francisco Fernandes, e Catherina Nunes. Professou o sagrado Instituto de Eremita de Santo Agostinho no convento da Graça a 24 de Fevereiro de 1574. Instruido com as Letras Sagradas, que dictou aos seus domésticos, mereceo pela rara prudencia, e literatura, de que era ornado, ser Confessor do Serenissimo Duque de Bragança D. João, que depois subio ao trono de Portugal [...] Entre os Prégadores grandes do seu tempo alcançou o principado, sendo toda a sua applicação aos livros Asceticos, como directores da vida religiosa. Morreo piamente no Convento de Villa-Viçosa no anno de 1633. [...] Compoz:

*Sermoens Primeiraparte, que começa de Quarta feira de Cinza, até a primeira outava da Paschoa. Lisboa por Vicente Alvares 1617.fol.; Sermoens Segunda parte [...]. Lisboa por Pedro Craesbeeck 1628. fol.; Sermoens Terceira parte [...]. Lisboa por Gerardo da Vinha 1625. fol. [...]. Machado (1966): II-73-74.*

**P. Francisco de Mendoça** chamado no Seculo D. Francisco da Costa naceo em Lisboa onde forão seus Progenitores D. Alvaro da Costa Armeiro mór delRey D. Sebastião, e D. Leonor de Souza filha de Fernão Alvares de Souza Senhor da Labruja, e D. Brites de Souza. Applicou-se ao estudo das letras humanas em o Collegio pátrio de Santo Antão [...] foy receber a Roupeta em o de Coimbra a 28 de Julho de 1587, quando contava quatorze anos de idade. Como era dotado de agudo engenho, penetrante compreensão, e feliz memoria sahio elegante Poeta, eloquente Orador, profundo Theologo, insigne Escriuario, e hum dos mais celebres Declamadores Evangelicos do seu tempo. [...] Em a Universidade de Evora recebeu as insígnias doutoraes da Theologia a 10 de Mayo de 1607 [...] o seu inocente espirito se desatou da prizão do corpo para gozar a pátria celeste a 3 de junho de 1626. [...] Compoz: *Commentariorum, ac discursum moralium in Regnum libros Tomi três varia, ac jucunda eruditione, nec non discursibus moralibus ad omnem concionum materiam utilissimis luculenter instructi [...]; Viridarium Sacrae & prophanae eruditionis [...]; Primeira Parte dos Sermoens [...]. Lisboa por Mathias Rodrigues 1632. fol.; Segunda Parte dos Sermoens [...]. Lisboa por Lourenço de Anvers. 1649. fol. [...]; Practicas domesticas [...]; Commentaria in Genesim. 3 Tom. Fol.; De Regulis Sacrae Scripturae [...]. (Machado 1966: II-203-206).*

### 3.2. Os textos

A escolha dos textos obedeceu, além do critério de género, textos oratórios, a um critério essencialmente quantitativo, procurando que a amostra fosse, ainda que necessariamente não muito alargada, suficientemente representativa e equilibrada.

Tendo em conta os diferentes formatos físicos das obras, foram selecionados um ou dois sermões de cada autor.

Os textos seleccionados foram os seguintes:

– do P. Manuel da Silva, o «Sermão do Grande Patriarca São Bento, no seu Convento das Religiosas da Cidade do Porto, estando o Senhor exposto, aos 21 de Março de 1686», integrado na *Sylva Concionatoria*, Parte I, dos sermões panegíricos, impressa em Lisboa por Miguel Deslandes em 1699, pp. 122-153;

– de Fr. Rafael de Jesus, o «Sermam XV do Principe dos Patriarchas Sam Bento, pregado em o seu Mosteyro das Religiosas do Salvador, da Cidade de Braga, com o Santissimo manifesto. Anno de 1672», integrado na obra *Sermoens vários* do autor, impressa em Lisboa na oficina craesbeeckiana, em 1688, pp. 306-333;

– de Fr. João de Ceita, o «Sermão na Festa de Todos os Santos» e o «Sermão na Festa de Santa Ana», ambos integrados nos *Sermões pera algũas Festas de Santos da N. Ordem: Apostolos: Martyres: Santas: e dez do Sacramento*, impressos em Lisboa por Lourenço Craesbeeck em 1635, fls. 91v-99r e 230v-239v;

– de Fr. Filipe da Luz, o «Sermão I da Dominga primeira do Advento» e o «Sermão da Dominga da Pascoela», ambos integrados na terceira parte dos *Sermoens do Padre Frey Felipe da Luz...*, impressos em Lisboa por Geraldo da Vinha em 1625, fls. 1r-6v e 122v-127r;

– do P. Francisco de Mendoça, o «Sermam da Ressurreiçam de Christo nosso Salvador», integrado na primeira parte dos *Sermoens do P. Francisco de Mendoça...*, impressa em Lisboa por Matthias Rodrigues em 1632, pp. 405-414 e o «Sermam em huma grande secca», integrado na segunda parte da mesma obra, impressa em Lisboa por Lourenço de Anveres em 1649, pp. 348-358.

### 3.3. Metodologia

Na constituição do *corpus*<sup>37</sup>, sempre seguindo Martins, procedeu-se ao levantamento das «ocorrências de próclise ou ênclise em orações não dependentes ‘neutras’ — isto é: orações em que a próclise não é tornada obrigatória pela presença de um operador de negação predicativo, de um quantificador, de um sintagma *qu-* ou

---

<sup>37</sup> Cf. Anexo.



de certos advérbios; nem a ênclise é tornada obrigatória por o verbo ocorrer em início absoluto de frase» (Martins 1994: 272).

Assim, tomámos como contextos de potencial variação as frases simples, as orações principais de frases complexas e as orações coordenadas aditivas e adversativas não negativas, quer essas orações integrem frases declarativas, interrogativas, imperativas<sup>38</sup> ou exclamativas (Martins 2013: 6) e, por outro lado, considerámos apenas as frases finitas (Martins 2011: 88-89).

No que respeita aos advérbios proclisadores, desconsiderámos aqueles que são tipicamente assumidos como tal (*sempre, talvez, melhor, só, bem, então, antes*, etc). No entanto, e porque o conjunto destes advérbios apresenta «franjas de instabilidade» (Martins 2011: 88), considerámos alguns que nos pareceu poderem admitir variação nos contextos em que surgem. Por exemplo, embora Martins tenha desconsiderado as frases introduzidas por *agora*, por considerá-lo desencadeador de próclise, como *asinha* e *samica*, que não ocorrem no nosso *corpus*, nós considerámo-lo devido à identificação no nosso *corpus* de casos de ênclise em frases com *agora* a preceder o verbo.

Quanto aos constituintes focalizados contrastivamente, considerámo-los nos números da próclise, uma vez que «não podem ser rastreados com o mesmo grau de certeza que os restantes elementos desencadeadores de próclise» (Martins 2011: 88).

Finalmente, os casos de mesóclise, considerados como variantes morfológicas da ênclise, foram contabilizados em conjunto com os casos de ênclise (Martins 2011: 89).

#### 4. Os dados

Os dados obtidos em cada autor foram os seguintes:

**P. Manuel da Silva - 33**

Próclise: 22 – 66.6 %

Ênclise: 11 – 33.3 %

**Fr. Rafael de Jesus - 29**

Próclise: 22 – 75.8 %

Ênclise: 7 – 24.1 %

**Fr. João de Ceita - 69**

Próclise: 46 – 66.6 %

Ênclise: 23 – 33.3 %

---

<sup>38</sup> «As frases com o verbo no imperativo não receberam nenhum tratamento especial pois no português medieval e clássico não constituem excepção à potencial variação entre próclise e ênclise (Martins 1994) ». (Martins 2011: 89).

**Fr. Filipe da Luz - 76**

Próclise: 39 – 51.3 %

Ênclise: 37 – 48.6 %

**P. Francisco de Mendonça - 81**

Próclise: 60 – 74.0 %

Ênclise: 21 – 25.9 %

No seu conjunto:

**Tabela 1.** Contextos de potencial variação ênclise/próclise

Total de ocorrências	Próclise	Ênclise
288	189	99
100 %	65,6 %	34,3 %

**5. Conclusões**

A análise dos dados revela que, ao contrário do que se poderia esperar, os valores de ênclise em contextos de potencial variação ênclise/próclise em cultores do género oratório contemporâneos de Vieira não são comparáveis com os deste. Efectivamente, ainda que mais elevados do que os registados em textos literários de outros géneros—por exemplo, nas *Cartas*, de Vieira, Galves (2003) regista uma percentagem de ênclise de 18,9% e, em Melo, Martins (1994) regista uma percentagem de apenas 7,7% – os valores de ênclise nos autores agora analisados não são, ao contrário do que acontece nos sermões de Vieira, maioritários e mesmo os mais elevados (48,6 % em Fr. Filipe da Luz<sup>39</sup>) estão longe da percentagem de ênclise registada por Martins nos sermões de Vieira (68,4%), que, no entanto, está bastante mais próxima da registada pela mesma autora (2011) nas falas dos personagens populares vicentinos (72,24%).

Não queremos, com isto, refutar a ligação entre o predomínio da ênclise e o género oratório. Ela está claramente comprovada em Vieira e mesmo os textos dos autores agora analisados, onde os valores são muito menos expressivos e não maioritários em relação à próclise, mostram, apesar de tudo, um aumento da ênclise face a textos de outros tipos e a autores como Melo; o que se prenderá, pelo menos em parte, com as especificidades sintácticas da oratória barroca, como o predomínio de «tópicos contrastivos», como defende Galves (2003: 9).

<sup>39</sup> É interessante notar que o autor que tem mais ênclise é também o que tem ênclise em orações subordinadas finitas, que não consideramos aqui. Martins (2015: 90) associa este traço gramatical à gramática «mais enclítica».

No entanto, como acima referimos, Martins (2011: 83) encontra, nas falas dos personagens populares vicentinos, prova da existência de uma gramática «mais ‘enclítica’ e ‘popular’ que, afinal, nunca se teria perdido e, nos séculos XV e XVI, em plena vigência da gramática «pan-ibérica», proclítica (Martins 2011: 86, n.3), coexistiria com esta numa espécie de diglossia sintáctica com motivações de natureza sociolinguística. Segundo a autora (Martins 2011: 86), «a gramática ‘proclítica’, a que poderíamos chamar ‘pan-ibérica’, era a das classes social e culturalmente dominantes (tipicamente, alfabetizadas e produtoras de escrita), a gramática mais especificamente portuguesa era a das classes populares (tipicamente, não alfabetizadas e com acesso muito limitado à produção escrita). São factores sócio-culturais os que determinam que no português quinhentista (e também quatrocentista e seiscentista) seja extremamente reduzida a visibilidade da gramática em que a ênclise se terá mantido essencialmente estável ao longo do tempo». Acresce a isto que, muito provavelmente, a gramática «enclítica» caracterizaria a própria oralidade, dominando os falantes cultos ambas as gramáticas e as classes populares apenas esta.

Ora, o sermão, mesmo quando passado à escrita, é sempre um dizer, não perdendo nunca a sua ligação primordial à oralidade; e, mais, um dizer que é sempre um fazer, um dizer em que a palavra é um «gesto que transforma o mundo» (Mendes 1989: 404).

Um sermão, mais ainda um sermão barroco e mais ainda um sermão de Vieira, é uma *performance* onde, para que a pregação surta o efeito pretendido, é fundamental a «acomodação» do agente do discurso, enquanto actor linguístico, ao lugar e ao auditório, entre outros factores. E é nessa acomodação a contextos que são orais e a públicos heterogéneos que pode residir também, a nosso ver, a razão da opção, mais significativa neste do que noutros géneros literários, por certos traços linguísticos, de uma gramática mais «moderna» ou, como defende Martins (2011), apenas mais «popular», nomeadamente a ênclise. Nesta perspectiva, a ênclise, como parte dessa «gramática mais ‘popular’», menos visível porque diastaticamente marcada no português médio e clássico, funcionaria, nas personagens de Gil Vicente, enquanto representação do falar popular e, em Vieira, como um factor de aproximação e de empatia com o público, fundamental no género oratório.

No entanto, como vimos, dentro do género oratório, Vieira destaca-se, apesar de tudo, da generalidade dos pregadores seus contemporâneos, contrariando a afirmação de Galves (2003: 10) de que não seria diferente dos outros autores.

A nosso ver, esta questão coloca-se necessariamente num plano que transcende o estritamente linguístico e nos obriga a considerar a individualidade do autor. Como bem notou Mendes (1989: 404), «em Vieira, a prática verbal parece orientar-se para funções que não são meramente informacionais ou representativas. O mesmo acontece na oratória em geral, enquanto tipo discursivo, e mais ainda na eloquência sacra barroca: a palavra é aí não só actuante, enquanto gesto que transforma o mundo, mas igualmente *mise en scène* de si». Daí que não resulte estranho, mas antes natural, que muitas das características do género oratório sejam fortemente condicionadas pelas características do orador.

Ora, se tivermos em conta que, entre tantos aspectos excepcionais, como Homem e como Escritor, que sempre o distinguiram entre os seus contemporâneos, Vieira era dono de uma extraordinária competência linguística e de uma não menos extraordinária competência comunicativa, a que D. João IV se referia como «lábria»<sup>40</sup>, não será de estranhar que, particularmente nos seus sermões, onde mais se punha em cena, requintasse, mais do que os seus contemporâneos, características, neste caso linguísticas, que estimulavam a adesão do público ao orador. Estas características, seguramente entre muitas outras, levavam multidões a disputar lugar para ouvi-lo pregar – a ponto de ter ficado famosa a expressão de Melo (não isenta de algum despeito) «lançar tapete em Sam Roque para ouvir o Padre Vieira»<sup>41</sup> – e ainda hoje, apesar do muito que certamente os sermões terão perdido na sua versão escrita, o colocam na posição de expoente máximo da oratória barroca portuguesa. Justifica-se, por isso, a nosso ver, a consideração de uma oratória barroca de Vieira, única pela conjugação de diferentes traços, não apenas, mas também linguísticos, como aquele que aqui nos ocupou.

<sup>40</sup> «...Vieira, pela sugestão pessoal, própria dos oradores de lei, pela verbosidade que entontecia e quase lançava em hipnose o lento D. João IV. *Lábria* chamava ele ao poder sugestivo dessa palavra que o rendia.» (Azevedo 1992: I-54).

<sup>41</sup> *Cartas familiares*, ed. Maria da Conceição Morais Sarmiento, Lisboa, INCM, 1980, p. 330. Cfr. Pires (2008).

## Referências

- Azevedo, José Lúcio de. 1992. *História de António Vieira*. 3.<sup>a</sup> ed. 2 vols. Lisboa: Clássica Editora.
- Banza, Ana Paula. 2007. «Alguns aspectos da Língua Portuguesa seiscentista na escrita do Pe. António Vieira». *Diacrítica, Ciências da Linguagem* 21/1: 5–24.
- Banza, Ana Paula. 2008. *Representação perante o Tribunal do Santo Ofício*, de Padre António Vieira. Edição crítica e estudo filológico. 2 vols. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Banza, Ana Paula. 2017a. «Próclise e ênclise em Padre António Vieira». In *Gallaecia. Estudos de lingüística portuguesa e galega*, ed. Marta Negro Romero, Rosario Álvarez e Eduardo Moscoso Mato, 119-132. Universidade de Santiago de Compostela. Disponível em: <http://www.usc.es/libros/index.php/spic/catalog/book/1080> (31.07.2018).
- Banza, Ana Paula. 2017b. «Francisco Manuel de Melo e Padre António Vieira». *Nova Águia – Revista de Cultura para o séc. XXI* 20: 91–99.
- Belchior, Maria de Lourdes. 1961. «A oratória sacra em Portugal no século XVII, segundo o manuscrito 362 da Biblioteca Nacional de Lisboa». *Arquivos de Bibliografia Portuguesa*, ano VI, 23-24: 5–49.
- Britto, Helena. 1999. «Clíticos na história do português europeu». Technical report to Fapesp. [https://www.ime.usp.br/~tycho/participants/hbritto\\_page/report\\_99/section\\_2/](https://www.ime.usp.br/~tycho/participants/hbritto_page/report_99/section_2/) (31.07.2018).
- Ceita, João de. 1635. *Sermões pera algũas festas de Santos da N. Ordem: Apostolos: Martyres: Santas: e dez do Sacramento. Pregados pelo P. Fr. Ioam de Ceita Frade menor, & filho da Regular observância da Provincia dos Algarves: Leitor jubilado em Santa Theologia, & natural da cidade de Lisboa*. Lisboa: Por Lourenço Craesbeck Impressor Real.
- Freire, Francisco José. 1842. *Reflexões sobre a Lingua Portugueza, escriptas por Francisco José Freire, publicada com algumas anotações pela Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis*. Lisboa: Typographia da Sociedade Propagadora de Conhecimentos Uteis. Disponível em: <http://purl.pt/135> (31.07.2018).
- Galves, Charlotte. 2003. «Syntax and Style: clitic placement in Padre Antonio Vieira». Disponível em: [http://www.tycho.iel.unicamp.br/gentle-wiki/arquivos/3/32/GALVES\\_C-Fase1e.pdf](http://www.tycho.iel.unicamp.br/gentle-wiki/arquivos/3/32/GALVES_C-Fase1e.pdf) (31.07.2018).
- Galves, Charlotte, Helena Britto e Maria Clara Paixão de Sousa. 2001. «Clitic Placement in 17th and 18th European Portuguese Texts: First Results from the Tycho Brahe Corpus».

- Workshop *Rhythmic Patterns, Parameter Setting and Language Change*, ZiF, University of Bielefeld.
- Galves, Charlotte, Helena Britto e Maria Clara Paixão de Sousa. 2005. «The Change in Clitic placement from Classical to Modern European Portuguese: Results from the Tycho Brahe Corpus». *Journal of Portuguese Linguistics: Special Issue on variation and change in the Iberian languages: the Peninsula and beyond* 4/1: 39–67. Disponível em: <https://jpl.letras.ulisboa.pt/articles/abstract/10.5334/jpl.166/> (31.07.2018).
- Jesus, Rafael de. 1688. *Sermoens Varios Do M.R.P. Prêgador Géral, & Cronista Mòr do Reyno, Fr. Rafael de Jesus. Religioso, do Príncipe dos Patriarchas Sam Bento. Professo em a reformada Congregaçãode Portugal. Pregados, em a Curia de Braga, pellos anos de 1673.74. & 75 sendo Dom Abbade, do Mosteiro de Santo Andre de Rendufe. Dedicados, ao emminentissimo senhor, Dom Verissimo de Lancastro. Arcebispo, Inquisidor Gèral, & Cardeal da Santa Igreja Romana*. Lisboa: Na Oficina Craesbeeckiana.
- Kroch, Anthony. 1989. «Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change». *Language Variation and Change* 1: 199–244.
- Kroch, Anthony. 2001. «Syntactic Change». In *The handbook of contemporary syntactic theory*, ed. Mark Baltin and Chris Collins, 699–729. Massachusetts - USA: BlackWell.
- Lopes, António. 1993. «A educação em Portugal, de D. João III à expulsão dos Jesuítas em 1759». *Lusitania Sacra, Revista do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa*, 2ª Série, tomo 5: Jesuítas na Cultura e Sociedade Portuguesa: 13–41. Disponível em: [http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/4909/1/LS\\_S2\\_05\\_AntonioLopes.pdf](http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/4909/1/LS_S2_05_AntonioLopes.pdf). (31.07.2018).
- Luz, Felipe da. 1625. *Sermoens do Padre Frey Felipe da Luz Religioso da Ordem de nosso Padre Santo Augostinho nesta Provincia de Portugal, & Pregador de sua Real Magestade. Terceira Parte que começa da primeira Dominga do Advento ate a ultima depois do Pentecoste. A festa do nascimento de Christo Redemptor nosso. A festa d' Ascensão. A festa do santissimo Sacramento: hũa matéria para os Domingos do Advento a tarde. Dirigidos ao Illustrissimo senhor dom Ioão de Lancastre Bispo de Lamego, & do conselho de sua Magestade*. Lisboa: Impresso por Geraldo da Vinha.
- Machado, Diogo Barbosa. 1966. *Bibliotheca Lusitana*, tomos II e III. Coimbra: Atlântida Editora. [1ª ed. 1741-59, 4 vols: Disponível em: <https://archive.org/stream/bibliothecalusit04barbuoft#page/n7/mode/2up>. (31.07.2018).

- Marques, João Francisco. 2004. «O púlpito barroco português e os seus conteúdos doutrinários e sociológicos – a pregação seiscentista do Domingo das Verdades». *Via spiritus* 11: 111–148.
- Martins, Ana Maria. 1994. *Clíticos na História do Português*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Dissertação de Doutoramento inédita. Disponível em: [http://www.clul.ul.pt/bigfiles/Martins\\_Tese\\_1994c.pdf](http://www.clul.ul.pt/bigfiles/Martins_Tese_1994c.pdf). (31.07.2018).
- Martins, Ana Maria. 2011. «Clíticos na história do português à luz do teatro vicentino». *Estudos de Lingüística Galega* 3: 55–83. Disponível em: <http://www.usc.es/revistas/index.php/elg/article/view/339> (31.07.2018).
- Martins, Ana Maria. 2013. «A posição dos pronomes pessoais clíticos». In *Gramática do Português*, ed. Eduardo Paiva Raposo, Maria Fernanda Bacelar, Maria Antónia Mota, Luísa Segura e Amália Mendes, 2231–2302. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Martins, Ana Maria. 2015. «Variação sintática no português quinhentista: a colocação dos pronomes clíticos». *Estudos de Lingüística Galega* 7: 83–94. Disponível em: <http://www.usc.es/revistas/index.php/elg/article/view/2373> (31.07.2018).
- Mateus, Maria Helena Mira *et al.* 2003. *Gramática da Língua portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Melo, D. Francisco Manuel de. 1980. *Cartas familiares*. Ed. Maria da Conceição Morais Sarmiento. Lisboa: INCM.
- Mendes, Margarida Vieira. 1989. *A Oratória Barroca de Vieira*. Lisboa: Caminho.
- Mendoça, Francisco de. 1632. *Primeira Parte dos Sermoens do P. Francisco de Mendoça da Companhia de Iesu Doutor na sagrada Theologia, & lente que foy de Scriptura na Universidade d'Evora. Nella se contem os sermoens dos santos tempos do Advento, Quaresma: & outras domingos do anno, & da Santa Cruzada. Ao Illustrissimo e Reverendissimo senhor D. Frãcisco de Castro, Bispo Inquisidor Geral nestes Reynos, e senhorios de Portugal*. Lisboa: Por Matthias Rodrigues.
- Mendoça, Francisco de. 1649. *Segunda Parte dos Sermoens do Padre Francisco de Mendoça da Companhia de Iesus, Doutor na sagrada Theologia, Lente que foy de Escritura na Universidade de Evora. Contem Sermoens da Eucharistia, da Virgem Mãe de Deos, dos Patriarchas das Religioens, & outros muitos Santos, & Santas: dos Defunctus, & vários outros. Dedicados ao Illustrissimo, & Reverendissimo Senhor Dom Francisco de Castro, Bispo Inquisidor Geral nestes Reynos, e Senhorios de Portugal, do Conselho d'Estado de sua Magestade, &c.* Lisboa: Na Officina de Lourenço de Anveres, & à sua custa.
- Pires, Maria Lucília Gonçalves. 2008. «Francisco Manuel de Melo e António Vieira». *Românica* 17: 133–150.

Sylva, Manoel da. 1699. *Sylva Concionatoria. Primeyra Parte Panegyrica. Tomo II. Sermoens em varias celebridades que pregou o P. Manoel da Sylva, da Companhia de Iesus, Offerecidos à protecção do Illustrissimo, e Reverendissimo Senhor D. João Franco de Oliveyra, Arcebispo da Cidade da Bahia, Metropolitano do Estado do Brasil, do Conselho de S. Magestade, &c.* Lisboa: Na Oficina de Miguel Deslandes, Impressor de sua Magestade.

## ANEXO: *corpus*

### P. Manuel da Silva (1699): 33 contextos de potencial variação

#### Próclise (22 ocorrências – 66,6%)

(122) Um memorial de maravilhas...**nos foy** advertir o vosso Profeta David, que nos deixáveis neste divino Sacramento...

Com outro memorial do que obrou S. Pedro, & os mais Apostolos em vosso serviço, **me acho** hoje no Euangelho...

(123) De hum, & outro memorial...**me hei de valer** hoje...

O memorial dos Apostolos no Euangelho **me abrirá** caminho para os discursos...

O vosso **mos irá confirmando**...

Para este escrito **me valho** daquela Senhora...

(124) ...poucas horas depois de estar feito homem, **o quis** Deus **melhorar** de f[ei]tio, & para isso o tomou Deus...& **o poz** naquela boa estancia do Paraíso...

(125) por isso Deus, não esperando dele...**o tomou**, & levou como por força ao Paraíso...

E que circunstâncias são estas? Nós **as hiremos explicando**.

(127) A segunda...deu de rosto ao mundo, & **se acolheu** à Arca...

A razão **se pôde colher** da differença, que houve entre hũa, e outra pomba no dar as costas ao mundo...

(129) Porém S. Bento cortando... **o deixa** para nunca mais o lograr...

S. Bento...muito na madrugada da idade faz deixa do mundo, & **se vai** com Deos para o deserto...

(131) Elle mesmo **o diz**...

(134) S. Bento...**se foy a sepultar** na sua cova de Sublaco.

S. Bento...não só deixou o mundo...mas...**se foy a sepultar**...

(135) Isto **nos está dizendo** o Texto sagrado...

(143) Das mesmas **se valia** aquella alma, que...se chama igualmente pomba...

(144)...e **o refere** o mesmo Historiador da vida de S. Bento...

(148) Seguiu a carroça o Espirito de Deus, & levado do impulso desse Divino Espirito **se hia** o mundo todo em seguimento de Deus...

(150) Isso **me perguntais** vós?

#### Ênclise (11 ocorrências – 33,3%)

(125) ...com tudo **achava-se** Pedro tam apegado a esse nada que o deixar estes nada...

(128) Não seja logo a primeyra...**seja-o** a segunda...

(129) A pomba de Noè **retirou-se** do mundo para a Arca...

(131-132) O mundo...**da-nos** olhado, **da nos** quebranto. Vendo-o nós a elle...**cega-nos** de sua afeição...

(132) Com tudo...**haveisme de dar** licença...para entrar...

(133) O sol...não há duvida, que...se hia a sepultar no seu ocaso, mas **sepultava-se** no seu Occidente...tornando porém atrás, **hia-se a sepultar** no berço de seu Oriente.



(135) E senão, **dizei-me**: haverá quem possa cuidar, que o retirar-se Christo...

(149-150) E na carroça de S. Bento **acharseha** também o firmamento...

#### Fr. Rafael de Jesus (1688): 29 contextos de potencial variação

##### Próclise (22 ocorrências – 75,8%)

(306) A maravilha de correspondências obrigadas...**nos representa** hoje a Igreja...

(307)...primeyro que o assumpto, **o há de explicar** o Texto...

(309-310) Diz S. Pedro, que deyxá tudo, &...**se aproveyta** da possibilidade de todos...

(310) ...& **lhe confirmou** o prometido nas Estrellas...

(311) E quãdo de possível, o deyxá São Pedro, de facto **o deyxou** São Bento.

(314) Formado São Bento em as entranhas de sua Mãe Santa Abundancia, **se ouvia** cantar, & cantava...

Para Deos facilitar...**se antecipou** em dizer...

(314-315) Porque o prodígio...avia de ser dificultoso de crer ao mundo, **o facilitou** Deos...

(318) Nace São Bento em hum Templo, &...**se lhe dá** o nome de Bento...

(319) Com esta rezão **se aumenta** a muyta, que tiverão os sucessores de São Pedro...

(321) ...porém o desejo de se multiplicar em todos...**o fez servir** por todos sendo hum sò individuo.

(323) ...& **a escolheo** São Bêto para sua habitação...

(325) ...& **o mādou** Deos a São Bento por hum Sacerdote: E **lhe disse** o Sacerdote a São Bento...

(325-326) ...A seus Discipulos mandava Deos reformar o mundo, & **lhe dizia**, que...

(327) ... suas obras **o verificação**...

(328) ...a cada hum, dos que deixarem quoaquer cousa do mundo **lhe consigna** todo o premio.

(328-329) Depois de o dizer hum Pontifice Maximo...**o afirmou** hum Cardeal Santo...

(329) ...Obedeceo pontual Abrahão, &...**lhe deyxou** o filho...

(331) Da gloria de tão esclarecidos serviços, **se coroão** os serviços de São Bento...

Coroas de gloria **lhe deu** o martirio...

...& para que o horror desmayasse o atrevimento, **se ferirão** todas em todo o rosto...

##### Ênclise (7 ocorrências – 24,1%)

(308) E **corresponde-lhe** Christo...dando-lhe por assento...

(310) Limitação era a de sua possibilidade, & **fazia-a** sem limite seu desejo.

(321)... assistiolhes como criado, & **acompanhouos** como gentilhomem.

Não perguntavam os de Jerusalem ao Baptista pella pessoa, **perguntavam-lhe** pello officio...

(327) ... E **parecera-me** a mim...que...

(329) E **deu-lhe** o filho...por premio...

(332) Mas que a delicadeza...triumphe da penitencia...**adiantase** a todos na gloria de seu triumpho...

#### Fr. João de Ceita (1635): 69 contextos de potencial variação

##### Próclise (46 ocorrências – 66,6%)

(92r) Com estes ramos...**lhes mandava** misturar tambem ramos de salgueiros...

Deste modo, **se alegravão** comendo, & bebendo...

Muitos Doctores...**o accommodão** a vários actos...

Per hũa de três vias **se nos pode mostrar** o alcance do Ceo árduo...

(93r) Em a festa de hoje **se deixa** tudo ver...

(94r) E na matéria **me parece** a mim que se não póde...

(94v) (elle **o conta** no cap. 38)...

(95v) O Ceo **lhe pós** diante de tudo...

A Esau...**lhe disse**...

(96r) ...cousa que em que a não busque, ella **se me virá** meter em casa.  
 Pois outro mòr barato **vos inculcarei** efeito da divina misericordia.  
 Que sendo os materiais...**os está** Deos por sua boca **fazendo** escadas do ceo.  
 Por maneira que no mesmo castigo, & pena...**se me quer** elle **fazer** devedor...& no mesmo rigor da culpa **me está fazendo** extraordinário favor...  
 Certo, que cá o Rey ao fidalgo que lhe foy traidor...sem remissão **lhe manda cortar** a cabeça...  
 (96v) ...sendo divida...pena eterna, elle **a comutou** em temporal...  
 ...estas mesmas penas...**os conta** como serviços...  
 (98v) resumido tudo o que no sermão está dito, **nos facilita** notavelmente a salvação...  
 (99r) a mim **me lembra** tambem...  
 ...elle **nos dá** os meysos...  
 ...& nós Senhor **vos logremos**...  
 (231v) ...& assim pera os gostarmos, **os poem** debaixo de figuras, & parabolos.  
 Pois por isso **vos digo** em verdade, que...  
 (232r)...elle **se contenta** ser ouvinte.  
 (232v) E S. João Chrisostomo **lhe chama** tesouro...  
 E Chrisostomo **a compara** com o azeite da viuva...  
 S. Ambrosio **a compara** com o bāquete do deserto onde...derão de comer a cinco mil (& o **darião** ao mundo todo)...  
 (233r) Sim Senhor: esta **me contenta**...  
 ...De melle coeli melleus...**lhe chamou** S. Agostinho.  
 (234v)...& como se nūca cahirão nisto **lhes diz**:...  
 (235r)...& já que tanto o faz divertir o mundo, o temor do juyzo **o regulasse**, & enfreasse...  
 (235v)...Christãos **se hão de chamar**, & filhos de Deos...  
 (237r)...primeiro **mo hão de ver fazer**...  
 Quê nos enfastia de Deos não he...he a carne & o sangue, que como.....esta **nos faz** o mal.  
 Cazou com Ioachim...& de maneira **se regularão** com os divinos preceitos como se....  
 (238r)...& **o diz** S. Fulberto.  
 Porque ver hum pay estar criando hũa filha muito mimosa...& entam entregalla a hum homem de por ahi que....& sobretudo lhe dè muita pancada, & pera que faça isto **lhe dà** ainda os cruzados; necessário foy que Deos alli puzesse muita graça...  
 (238v) ...& **lhe acompanhou**, & casou o filho.  
 ...& opprobrios...& à nossa **os dizião** os Sacerdotes...  
 ...& **se topou** com Ioachim ...  
 (239v) Hũa fonte **se fez** rio...de Esther **o disse**: melhor o dissera de Anna...  
 Hum anel do vosso dedo **se guarda** em Roma...  
 ...& **o traz** Baronio. Vosso lugar em o calendário **vos deu**...o Papa Gergorio XIII.

#### Ênclise (23 ocorrências – 33,3%)

(92) ...Mandava-lhes Deos fazer...& **apontava-lhe** ainda a casta & espécie...  
 (93v) ...nem forão isentos de pecados, mas **emendarãoos**...  
 (94v-95r) ...& **deitalhe** Deos tantos tirantes...quantos sanctos lhe poem diante dos olhos...  
 (96r) ...pedio, & tornou a pedir, carpiose, e **tornouse a carpir**...  
 (96v) ...esses males que poderão ser eternos, **fellos** temporaes...  
 (97v) Esta força...**damola** nós, ou poemna Deos?  
 E esse auxilio...**negao** Deos a alguem?  
 E **vemse** tudo a resolver...  
 Ergo, **ponde-lhe** agora a consequência.  
 ...& **haveila** com muita facilidade...  
 (98r) Hum lanço de grande providencia, **defraudouos** a eles...  
 (231r) Pera intelligência do qual he de advertir aquella doctrina...que diz, que o nosso entendimento na cousa clara, & que já conhece, se lha repetem, **enfastia-se**...

(232r) E porque lhe dê isto com mais suavidade & gosto, **darlhoey** disfarçado...& assim **ficarlhesha** muito proveito  
 (233r) Pois **vaite** à divina Scriptura, & faze conta...  
 (233v) Ou **deixailhas** todas no sentido parabólico, **entendão-as** como puderem: ou dizei se...  
 (236r) Ouvis...; dizemvos: Oh **deu as** fulano...  
 Assim **derãoose** essas boas novas....  
 (239r)...& não sei se cahis bem que a sterilidade quando se fecundou, **aquinhoouse** a vontade...  
 E **viose** nella sô comprido o dito de Iob...  
 (239v)...era fonte pequena & seca pela sterilidade, **fezse** hum rio....  
 ...tendes a filha & o neto, **alcansainos** a graça...

#### Fr. Filipe da Luz (1625): 76 contextos de potencial variação

##### Próclise (39 ocorrências – 51,3 %)

(1r) Oje **vos venho dizer** da parte de Deos...  
 (1v) ...o mesmo dia que nasceo, **se vio** em Roma **correr** hũa fonte d'azeite  
 ...no fazer merces **se mostra** airoso...  
 (2) Estes são os sinaes que diz S. Lucas, que precederão ao juízo, outros mais **nos ensina** Christo..  
 (2v) ...o fim **se chega**, o mundo **se acaba**...  
 O mesmo **vos posso dizer**, pondovos o mesmo nome do Propheta.  
 (3r) ah pecadores, à quanto obrigastes a Deos, que sendo elle tão encontrado a castigar, vos **o côstrangeis** a isso...  
 ...& vos **o estais obrigando a dizer** palavras cõ que vos lance no inferno...  
 (3v) ...Que sinaes serão estes...São Matheus **os declara**...  
 Quando Deos criava o mundo...**lhe sahiram** os anjos a cada creatura...  
 ...hũas ondas **se encapellão**...outras **se abatem**...os que tal vem estão quaes o Propheta logo os pinta...  
 ...a afflicção de tantos males **os faz derreter**.  
 ...chegarão as ondas ao Ceo, dando no Sol, & Lua **as cegarão**, dando nas Estrellas **as farão cahir**...  
 (4v) Logo em se vestindo as almas nos corpos **se farà** a separação pera os mãos...  
 ...Os bons **se porão** no alto...& **se porão** à mão direita...  
 ...virà o juiz supremo...dizêdo...eu **te criei**, & **te puz** no parayso...  
 (5r) Se então lhe responderdes, Senhor as riquezas que me destes **me enganarão**...  
 Se disserdes o demónio **me enganou**...  
 Então me desembocarei com elles: então lhe confessarei a verdade & **os desenganarei**...  
 (122v) ...& estando....&...**lhes disse**, Pax vobis.  
 Neste apparecimento...**se vê** claramente...  
 (123r) ...& elle **os reprehendia** asperamente...  
 ...de tal maneira aveis de servir a Deos, & **o aveis de ter** por Senhor...  
 ...se Deos vos tarda...logo perdeis o animo, & **vos entregais** aos inimigos dalma..  
 ...olhai quem sois que nam vos tratando o mundo, mas faltãdovos speraes nelle, & **o adorais**, & a Deos...  
 ...pois sabendo...com tudo isso **se fião** delle como verdadeiro...  
 ...& por isso **se pòs** no meio delles.  
 (124v)...a igualdadea paz **se abraçaram** como irmãos, dando a entender...  
 (125r) Aquelle **se pode ter** por morada de Deos, quando...  
 (125v)...a falta della **vos faz lembrar**...  
 ...aver em vos paz pera todos, & por ella **vos governardes** em todas as cousas...  
 Christo **o disse**...  
 (126v)...elle te não deixará, mas **te defenderà**...& **te levarà** a cidade de Sião...

**Ênclise (37 ocorrências – 48,6%)**

- (1r) Ora Christãos **resolveivos**, & **persuadivos**...
- (2r) Està hũa pessoa enferma, **visitaa** o medico...
- (2v) ...a fê falta, **esfriase** a charidade, os pecados crescem, **salvese** quem poder...
- ...mas agora **tornarãose** como vasos mui fracos...
- ...& já que..., **dirvosei** o que Hieremias dizia...
- (3r)...peccador...**dame** conta do meu sangue...
- (3v) Agora **comovêse**, então com alegria davão alegres movimentos...
- ...deixados os que....**hase de entender** dos spiritos Angelicos...
- (4v)...pera declarar aos homêes, que pera sobirem **relevalhe** primeiro abaixarem...
- ...querem alguns (& **pareceme** muy bem) que....
- ...depois usando contigo de misericordia, **fizme** homem, morei...
- (5r) ...dizeime agora & **mostraime**...pois **desenganaivos** que minha justiça...
- Se disserdes...**respondervosha**....Se disserdes...**respondervosha** que
- & com tudo Deos **examinoua** no principio do mundo...
- ...já que o vosso nome he mãy de misericordia **usaia** comnosco...
- (6r) ...pois **percãose** os olhos...
- Os homêes **podemse** emmendar...
- (6v) ...mandainos ir...mas **limitainos** o tempo...
- (122v) Pera podermos...**vamo-nos** à Virgem nola alcance...
- ...senão **vedeo** nestes Apostolos...
- (123r) Os parentes de Thobias **punhãose** a zombar delle...
- ...entra Christo remediarlhe a tristeza que tinham com sua morte, **communicalheos** bens da Resurreição...
- (124r)...ora pois se o mundo....**dizeime** que rezão...
- (124v)...pois **querovos** dizer que...
- ...mas **poemse** no meio pois avia igualdade nos merecimentos...
- (125r)... & a justiça **conservase** na igualdade...
- ...& **prova** com o Psalmo...
- (126r) ...as rodas de hum relojo de tal maneira...que fazem...& movida hũa roda **movemse** as outras, & quieta **quitãose** as outras...
- (126r)...deixaivosos gostos terrenos, & tudo ...& **abraçaivos** com este Senhor...
- (126v) ...senão **vedeo** nos discípulos...
- ...pois em o ser **ficase** parecendo com os Anjos.
- (127r)...ò alma minha...**deseja volo** com muito fervor...

**P. Francisco de Mendoça (1632 / 1649): 81 contextos de potencial variação ênclise/próclise****Próclise (60 ocorrências – 74,0 %)**

Primeira parte

- (406) Finalmête todo o inferno se mudou; & de inferno, que era, **se tornou** hũ paraíso.
- (406) No sepulchro de Christo **o vereis**.
- (407) Eis os mares com sembrante alegre, **se desfazem** em festas.
- ...mas elle **se descuidou** de maneira que o deixou fazer hum mato bravo.
- Pois o Ceo **vos digo** eu, que...
- O Poente **se mudou** em Oriente: a vespóra **se mudou** em madrugada...
- Anoitecer à vespóra a natureza **o pede**: mas...
- Pois agora **o vereis**...
- A vespóra dantes acabava o dia, mas agora **o começa**...
- (408) Este **vos digo** eu, que se mudou & melhorou?
- (409) Como se dissera, eu **me torno** a declarar...

- (411) Muytas graças **vos dou** Eterno Pay...  
Sobretudo **vos peço**...que....
- (412) Destes amorosos colloquios com o eterno Pay, **se passaria** logo a Senhora a outros...  
... aquelle preceito...vos **o destes**; vos **o deveis** também de guardar.  
Eis que entra o Archanjo S. Gabriel...&...**a saudou**...assi agora...**a saúda**...
- (413) Pois a Senhora não cuidava...porque ella mesma **o recolhera**...**o sepultara**...  
Eo **o tenho** em meus braços...
- (414) Hũa lembrança **vos heide fazer** agora de S. Bernardo.
- Segunda Parte
- (348) Ultimamente **se resolveo** neste.
- (349) Deste titulo **se preza**.
- (350) Huns **se chamavam** Cereti, outros Pheleti.  
Diante vay a misericordia divina...mas pollas mesmas pisadas **se segue** a justiça divina,  
castigãdo peccados.  
A misericordia divina **nos deu** aquella chuva de sangue...  
A malicia humana **nos tira** agora esta chuva de agoa...  
...mas nós **lhe himos** à mão, nós **lhe furtamos** as agoas, nós **lhe desviamos** a corrête...  
...mas nós **lhe pomos** diante hum muro.
- (351) Com hum ferro de arado **vos contentais**?
- (352) Eu **vos fico** que nam houvera de aparecer nas mãos de Deos a vara ada divina justiça.  
Porem Moyses **lhe disse** tudo pollo contrario ...  
Mas Deos por isso **lhe dá** primeyro na bolça...  
Como Lot começou...Deos **o atalhou**, poemno em cativoiro...
- (353) ...por isso aqui Abraham **se acautelou**.  
...por isso nesta **se temeo**.  
Mas isso **me bastou** a my...  
Poys esse corvo **se lhe há de converter** em castigo.
- (354) Enfim elle **o castigou**, &...elle **o matou**, & enterrou.
- (355) ...& com esta boa disposição **se chegão** a este Sanctuario...  
...estas sobretudo, & antes de tudo, **se hão de prantear**.  
Maes sente, & **o chora** hum Santo...que...  
...aquelles Sãtos **nos ouviràm**...
- (356) A vós gloriosos Santos **se deve** esta merce...  
A vós **se deve**...por vosso respeyto **nos trazem** estas nuvens...  
Quando Deos...primeyro **lhe disse**...  
...& **se seguio** grande fartura.
- (357)...& là do Ceo **lhe manday** liberalmente a agoa que vos pede.  
Por preço desta agoa que vos pedimos, **vos oferecemos** Senhor o sangue que derramastes.
- (357-358) E nós agora Senhor **vos compramos**...
- (358) Heis aqui **vos oferecemos** Senhor com huma mão...& com outra **vos pedimos** a agoa...  
Se por nossos peccados nos castigaes, nós **os choramos**, nós **nos arrependemos** delles...

### Ênclise (21 ocorrências – 25,9%)

#### Primeira parte

- (409) O sol **ha se de escurecer**.
- (412) pois **lembraivos** desta vossa Mãe tão desconsolada, & **consolaya**...
- (414) ...que escusas daremos a Deos? que tiramos a Paschoa seu nome: porque a Paschoa quer dizer. Transitum; jornada adiante, & nos **fazemola**. Reditum; jornada atras:
- Segunda Parte
- (348) Vinde ao Sanctuario de Deos, & **acabarsehão** os castigos...  
Vinde ao Sanctuario de Deos, & **acabarsehão** os castigos...
- (349) No tempo de Iosue, pera passar o povo, **dividiouse** o Iordão nesta forma...
- (350) E quando me ponho a cõsiderar...**pareceme** que estou vestido, & calçado no Ceo...

Pois pera que... **lembrome** da misericórdia; &...**lembrome** da justiça.  
...a justiça divina tirou a razão, & alevãtou a mesa; & **acabouse** o tinelo...  
(351) He hebraísmo hum pouco recôndito, mas **explicalohey** facilmente...  
(352) Venha a secca...venha a miséria: & **seccarsehà** a fonte destes pecados.  
...Deos o atalhou, **poemno** em cativeiro...  
(353) Mas **tenhoo** muyto grande...  
(354) Acabase o diluvio: **tornãose** a multiplicar os homens.  
E entre tanto **aquietayvos** com a autoridade...  
(356) ...& **pareceme** que he literal.  
(358) Decey Senhor sobre nós...**abrãose** estes Ceos, **rasguemse** estas nuvens, **reguemse** estes campos...